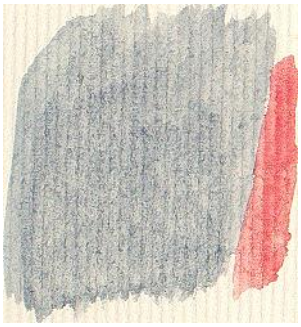


Corpo

poemas

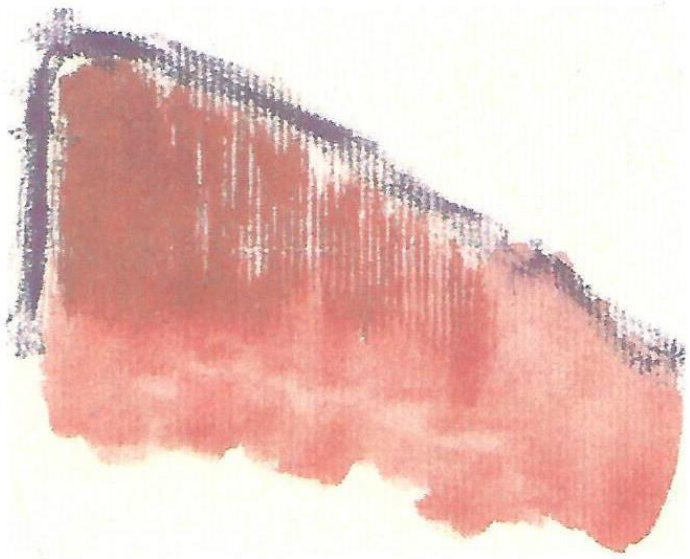
Ricardo Daunt



Bate o rosto
contra a negação
da pedra
até a lágrima



Corredor
em que a ave
ficou cega
e a carne
hera
(e a cal palavra)

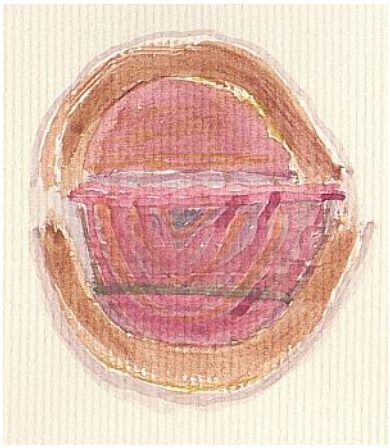


Essa tristeza faz bem.
Olhos de gesso
por secar ao sol
Lábios muito claros
de areia fina.

Frágil o mundo
depois do impacto.



O dia desprende-se
do solo.
Paira
inventando-nos.



Por que ainda as lâminas
do medo
nesta hora.

Sei quando a palavra

incendeia nossas folhas

e o chão

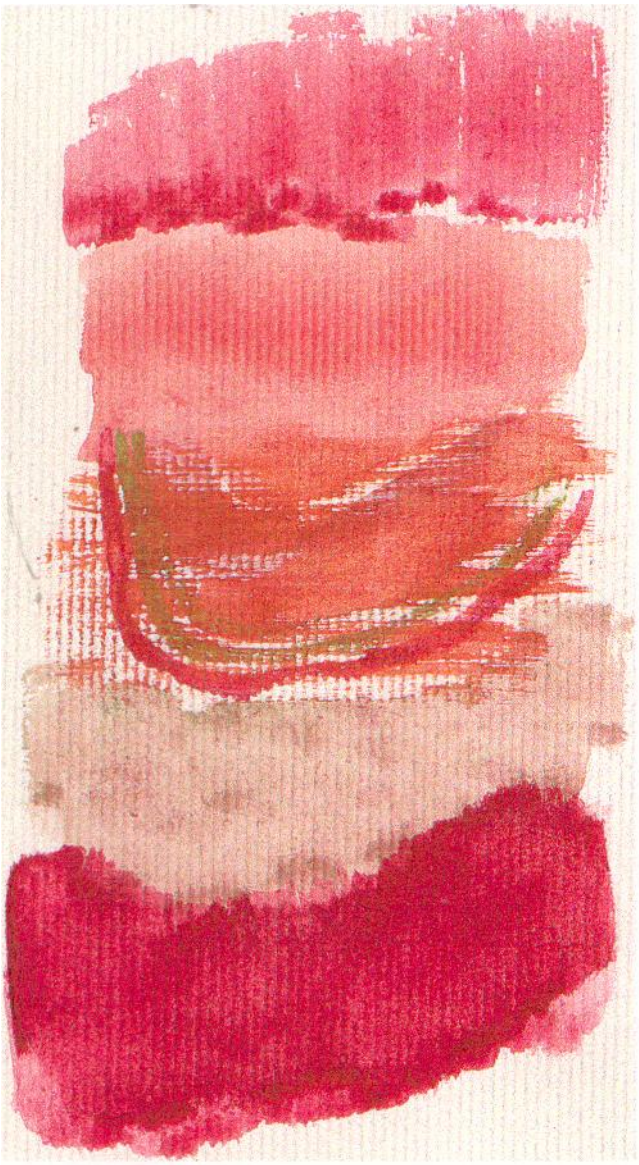
revela nossas marcas.



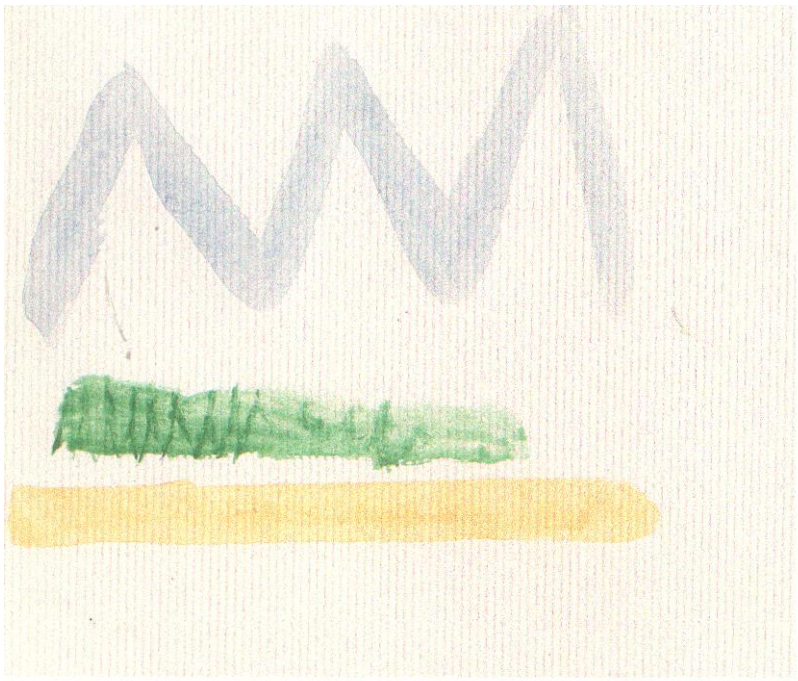
Dedos dispersos
sobre a têmpera
da estrada.
Colheita de espaços.



Não esqueça.
Leva o gume dolorido
das ondas.



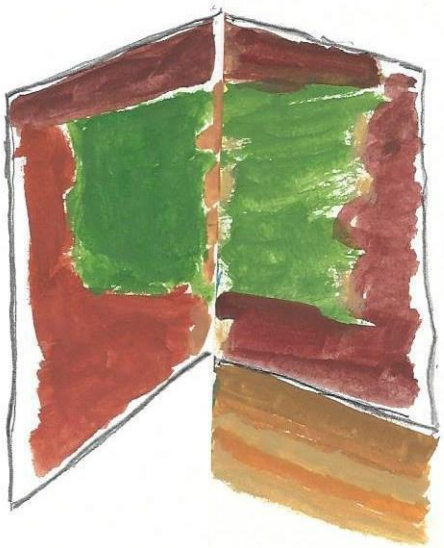
Uma cicatriz
no olhar.
Sempre este o milagre.



Aprendemos a gostar
das nossas mãos.
Esferas
lentas pousadas
sobre a peste
e sobre a nave do tempo.



Não tem pregas
a voz que emudece.



Outsiders
as mãos
algumas memórias
envolvendo a lua
com nossas mágicas
de palco em palco.

Bolsos transbordantes
Que incendeiam a multidão.



Viemos por ali
o corredor.
Vestuário frívolo dos que vêm da rua.
E nada no entanto a nos distinguir

Este o sabor



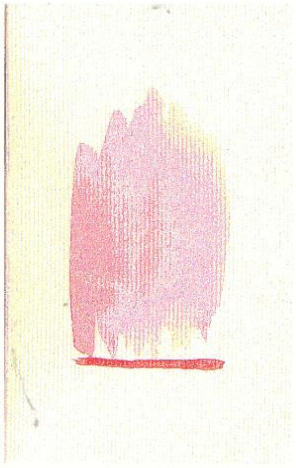
Empenhamos seiva e linhagem
(voz e lanhos.)
Os abismos são doces
entre os altiplanos.

Braços

braços

À noite dançam

para que estejamos incólumes



Mãos se lançam
sobre o feixe
dos sentidos.

Algozes,
não olham.



Olhos de lago
onde ferimos as pedras
e cingimos as algas
e todas as esferas

Sob o cozimento dos nervos

e o atordoamento dos poros

lábios rasgam-se

aéreos

sem bússola.

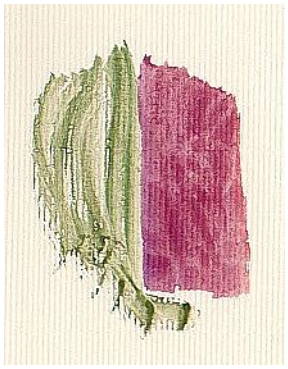
Corpo

Deste-nos os músculos golpeando

a dor de não machucar

e a geografia

para construir além



Línguas
ácidas
alvas

Vigília de horas alarmadas
sob as pálpebras.

Papilas na véspera das águas.

Deste modo o enunciado da carne:

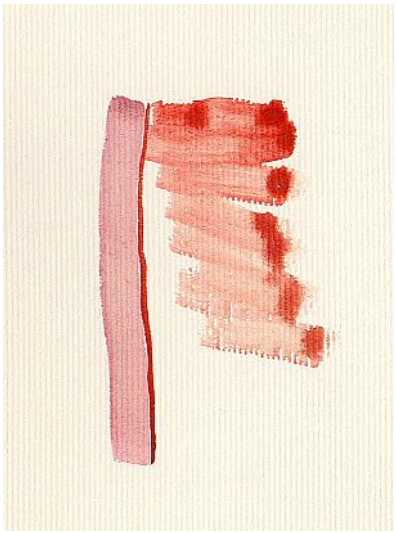
um sabor violento antes de dizer.

Corpo

uma última célula fixa

e arrebata.

Água mínima mar



Vozes
articulação de músculos
festa precária e absoluta
assim nosso silêncio bizarro.

.



Pausa

depressa renascem
travesseiros
taças
janela
Adornos do corpo sobre a tela.

Em algum lugar

perdemos o rosto

mas não importa.

Em algum lugar o idioma

não construiu sorrisos

ou o mundo.

Quando aguçávamos nosso instinto

um lugar um lugar um lugar

em que o idioma não se construiu.

Carregamos nossos móveis

e os guizos

nossas palavras orientais

e toda a festa.

A calçada por instantes iluminada

e nada

O que serei depois do último tempo?

O copo vazio por encher ainda?

A nota musical que não vibrou?

A memória do teu corpo

não acontecido?

A corda tesa do teu beijo

soando em minha noite?

O que serei no fim?

O nó górdio de mim

ou a liberdade de me ir?

